Os Estudos Folclóricos e Etnográficos Cearenses

FLORIVAL SERAINE

Até onde podemos alcançar em nossas investigações por bibliotecas e arquivos, em busca de livros ou simples artigos de revistas e jornais, versando a matéria indicada, no século XIX bem pouca cousa se poderá mencionar no campo demopsicológico com as caracteristicas da autêntica especialização. Todavia, apontaremos "Lendas e canções populares" (1a e 2a. edições, respectivamente em 1865 e 1892 — Fortaleza, Ceará), da autoria de Juvenal Galeno, que, além do prólogo e das notas finais, dotadas de valor folclórico, interessa pelo cunho popular de que se reveste a própria poesia do livro, cujos motivos fundam-se, de regra, em tradições legítimas do nosso povo.

Embora tenha sido o venerando bardo o primeiro cultor da poesia de acento popular, entre nós, a sua produção dêste livro não é, contudo, folclore, na exata accepção do têrmo, porque é poesia de autor conhecido, com personalidade literária firmada em círculos intelectuais idôneos.

A poesia de Juvenal Galeno acha-se tecida com matéria folclórica e nela flui um vultoso caudal de tradições. A sua linguagem oferece significado para os nossos estudos dialetológicos. Mas "Lendas e canções populares" não constitui em si folclore, não obstante assim possam ser considerados os trechos dêsse livro que o povo repete, ignorando-lhes a procedência, sem suspeitar que sejam da autoria de Juvenal Galeno ou outro qualquer vate. A tradição oral conduziu-nos ao seio da gente inculta, dos iletrados, modificando-os ás vezes ligeiramente. O caráter de anonimato é para certos autores essencial ao fato folclórico, isto é, "que não apareça êle como fixado em tempo e personificado concretamente" — na expressão de Hoyos Sáinz. (1) Abrem-se, no entanto, exceções para alguns casos, de modo que é também considerada, hoje em dia, a realidade folclórica sem o fundamento tradicional, "bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não e essencialmente popular". (2).

Queremos deixar bem nítida, antes de avançarmos neste trabalho, a diferença que estabelecemos entre *folclore,* substantivo comum, e *Folclore* substantivo próprio, a qual é hoje adotada por alguns tratadistas, e nos parece índice de conduta sistematizadora bem razoável. (3)

Assim, encaramos a primeira fórma, a iniciada por minúscula, como concernente ao material; e a segunda, com maiúscula, á ciência que o estuda ou dêle se ocupa. Certo, inúmeros trabalhos dentre os que iremos citar não podem ser qualificados de produção científica, no rigoroso sentido do vocábulo, entretanto, valerão como achegas para um conhecimento mais aprofundado de certos temas folclóricos, aproveitando-se de alguns dêles observações cuidadosas e até seguros comentários críticos.

Mencionamos ainda, vindos a lume em Fortaleza, no século passado, os livros: — "Perfís sertanejos" (costumes do Ceará), por José Carvalho (1897), em que se transcrevem algumas poesias populares cearenses e são descritos hábitos do nosso homem do interior, merecendo destaque nessa obra os capítulos intitulados: "O engenho" e "A fazenda"; e "O Ceará (lado cômico)", de J. Brígido (1899), em que o conhecido historiador e jornalista focaliza alguns tipos e costumes populares com a *verve* que lhe é característica, mas sem a nota da fidelidade, que é exigência primacial no trabalho orientado cientificamente. Antes do século XX uma colaboração de importancia etnográfica e linguística é divulgada pela "Revista do Instituto do Ceará": o estudo da autoria de Paulino Nogueira — "Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará" (Tomo I, 1887), que ainda hoje é compulsado e citado pelos especialistas.

Não obstante alguns êrros de interpretação etimológica, revela certa erudição, merecendo ser reeditado.

* * *

Cremos que o primeiro estudo de interêsse etnográfico publicado neste século no Ceará foi o denominado "Música e dança indígenas", por Zacarias Tomaz da Costa Gondim (ligeira notícia sôbre a dança dos índios da América do Sul, por ocasião do 4° centenário da descoberta do Brasil, em 1500).

Apareceu no jornal " A República", que circulou em Fortaleza, sob a direção de João E. Torres Camara — nos. 92 a 101, de 23 de Abril a 3 de Maio de 1900. Trabalho digno de nota pela amplitude e segurança documental. Traz apenso um glossário atinente aos assuntos versados.

Em 1901 registamos o aparecimento de um pequeno trabalho de Paulino Nogueira, á pagina 136 do "Almanack do Ceará", anuário fundado por João Camara, em 1895. Intitula-se o mesmo "A fogueira de S. João".

Nessa mesma publicação divulgaram, já em nosso século, notas ou comentários de interêsse folclórico, os seguintes escritores conterraneos: Leonardo Mota ("Do Sertão do Ceará..." — pag. 320-ano de 1919 e "Violeiros do Norte" — pag. 281-ano de 1926), Antônio Sales ("Notas de linguagem (falar cearense) — ano de 1924-pg 339; "O falar cearense" — ano de 1927-pag. 195; "Caboclos repentistas"-ano de 1931-pag. 255; "Poesia e Música" — ano de 1932-pag. 215), João Nogueira ("O terço do cruzeiro"

ano de 1945-pág. 39; "A música de pife"-ano de 1945-pág. 55), Antônio Drummond ("O sentimento jurídico do matuto"-ano de 1919-pág. 291), José Carvalho ("Folk-lore cearense"-ano de 1928-pág. 259; "Etnografia indígena cearense"-ano de 1932-pág. 236).

Todos êsses, pequenos trabalhos, são em geral exposições ou descrições sumárias, sem caráter interpretativo, e realizados fóra dos métodos científicos de investigação folclórica. No citado almanaque ainda colaboram Raimundo Girão e Pompeu Sobrinho com interpretações etimológicas dos topônimos indígenas Ceará e Mucuripe (Ano de 1943-pág. 35 e ano de 1945-pág. 70, e ano de 1948-pág. 35, respectivamente). Na "Revista do Instituto do Ceará" divulgaram trabalhos de Etnografia ou Folclore: C. Teschauer ("A lenda do ouro"-Tomo XXV-pág. 3), João Nogueira ("Enterros no tempo antigo"-Tomo XLVIII-pág. 75; "Os congos"-Tomo XLVIII-pág. 89; "A chegada dos caboclos" — Tomo L-pág. 113: "Adivinhos"-Tomo LI-pág. 315: "O terço do cruzeiro"-Tomo LII-pág. 5; "Iluminação da Fortaleza"-Tomo LIII-pág. 141; "Cidade da Fortaleza"-Tomo LVI-pág. 147), Martins de Aguiar ("Cirandas infantis-Tomos XLVI, XLVII, XLVIII e L-págs. 4, 99, 243 e 205, respectivamente; "Fonética do portcguês do Ceará"-Tomo L-pág. 271 e "Os sinais de Galvão"-Tomo XLVIII-pág. 29).

Dignos de ressalto são os estudos de Pompeu Sobrinho — "Etimologia de algumas palavras indígenas" (Tomo XXXIII-pág. 208), "O homem do Nordeste" (Tomo-LI-pág. 321), "Tapuias do Nordeste" (Tomo LIII-pág. 221), "Topônimos indígenas dos séculos 16 e 17 na costa cearense" (Tomo LIX pág. 156), "Significação de algumas palavras indígenas" (Tomo XLVIII-pág. 179), "Sistema de parentesco dos indios Cariris" (Tomo LXI-pág. 163), "Indios Fulniôs" (Tomo XLIX-pág. 31), "Indios Merrime" (Tomo XLV-pág. 5), "Lendas Mehin" (Tomo XLIX-pág. 189), "Os tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman" (Tomo 48-pág. 7). Na publicação do Instituto do Ceará também se encontra, da autoria de Florival Seraine, o estudo — "Toponímia cearense", saido nos volumes LX, LXI e LXII. contribuição do autor ao X Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio de Janeiro. Da polêmica travada entre Leonardo Mota e Martins de Aguiar sôbre "Sinais de Galvão" nos dá noticia o tomo XLIX, á pág. 165. João Brígido divulga— "A Fortaleza em 1810" (Tomo XXVI-pág. 83), cujo capítulo XI, intitulado "Modas, Folgares, Novidades do tempo" é de interêsse folclórico, constando posteriormente da obra "Ceará-homens e factos".

Na "Revista da Academia Cearense", que era editada em Fortaleza sob a direção dos Drs. Pedro de Queiroz, Barão de Studart e Henrique Theberge, êste último substituido pelo Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil nos derradeiros anos de circulação do aludido órgão, encontram-se os seguintes trabalros: "O cancioneiro do Norte", pelo folclorista Rodri-

gues de Carvalho (Tomo VII-1902-pág. 56), "Usos e superstições cearenses" (1a. parte), coligidas pelo Barão de Studart (Tomo XV-1910-pág. 28), ambos trabalhos de valor, como pesquisa folclórica, constando mesmo o segundo da "Antologia do Folclore Brasileiro", de Luiz da Camara Cascudo. ,

Na mesma revista são ainda divulgados dois interessantes estudos, que focalizam temas da linguística indígena, da autoria de Antônio Bezerra — "Origem do nome Ceará" (Tomo VII-pág. 157) e "Carta ao Dr. Teodoro Sampaio" (Tomo VII-pág. 161). Em outras revistas, de menos projeção intelectual, se nos deparam contribuições folclóricas. Destacamos: "Duas modinhas antigas", por Antônio Sales e o "Padre Cícero e os romeiros", da autoria de João Nogueira (In "O Ceará ilustrado"-ano I-nº .5 e Ano II-nº 68, respectivamente). Na "Revista Escolar", do Instituto de Humanidades, que circulou mensalmente em Fortaleza sob a direção do prof. Joaquim da Costa Nogueira, encontramos o notável estudo "Idioma rústico", da lavra de Júlio C. Monteiro, o qual foi publicado nos nos. 2, 3, 5, 8 e 9, de 1911; nos. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10-11 de 1912; nos. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10-11, de 1913; nos. 1, 2, 3, 4 e 5 de 1914, da citada revista. A nosso ver, representa contribuição das mais valiosas á linguística nacional.

A importancia folclórica dêsse estudo ressalta, ainda, dos trechos do mesmo concernentes á paremiologia. No campo dialetológico, observa-se a sua antecedência de muitos anos á obra de Amadeu Amaral.

Em jornais cearenses não são muitos os trabalhos folclóricos ou etnográficos que mereçam destacados. Excetuando a produção de Leonardo Mota, que muitas vezes usava o pseudônimo transparente de Leota, chamamos a atenção apenas para a "A couvada", da autoria de Livino de Carvalho, que foi estampado em o "Ceará" (7 de Junho de 1928), jornal que circulou em Fortaleza sob a direção de J. de Matos Ibiapina, tendo sido transcrito depois nos Anais do Museu Paulista; e a já referida produção de Zacarias Gondim.

Por último, citaremos as obras, livros e folhetos que vieram á publicidade no Ceará, nestes últimos cinquenta anos, abordando temas folclóricos ou etnográficos: — "Scenas populares", por Juvenal Galeno, de que conhecemos apenas a 2a. edição (Fortaleza, 1902), e que é o livro de maior significado folclórico do nosso imortal aedo. Traz um glossário de termos regionais e apresenta descrições de costumes e lendas, como a do caipora, que se encontra no trabalho denominado "Senhor das caças"; "Cancioneiro do Norte", da autoria de Rodrigues de Carvalho (1a edição Fortaleza. 1903). Os temas nessa obra referem-se, em geral, a costumes e poesia populares, cearenses e de outras regiões do Nordeste. É "livro clássico na bibliografia nacional", como escreveu Luiz da Camara Cascudo, havendo dêle segunda edição, aumentada, surgida na Paraíba do Norte, em 1928; "O Ceará e os Cearenses", por Antônio Bezerra (Forta-

leza, 1906), obra que possui interêsse etnográfico e linguístico, devendo-se acentuar o capítulo "Origem do nome Ceará" e observações curiosas acêrca da influência do cigano na formação étnica e em traços psicológicos do cearense; "Contribuição para o estudo das afinidades do Karirí" (Fortaleza, 1924) e "Merim, índios Canelas" (Fortaleza, 1928), folhetos do ilustre etnógrafo Th. Pompeu Sobrinho; "Prosa vadia...", de Leonardo Mota (Fortaleza, 1932), em que o vitorioso escritor, sob o rótulo de "palestras lítero-humorísticas", oferece material de aprêço ao estudo da linguagem e dos costumes nordestinos; "Cirandas infantis", forte produção de Martins de Aguiar, em que há curiosas observações de valor dialetológico (Fortaleza, 1932); "Etnografia indígena", por Joaquim Gondim (Fortaleza, 1938), que abrange estudos realizados de 1921 a 1926 em várias regiões do Amazonas, e constitui apreciável contribuição etnográfica, com interessantes ilustrações; "Coisas que o tempo levou", de Raimundo Meneses (Fortaleza, 1938), em que são descritos alguns costumes e focalizados certos tipos populares cearenses, de modo sumário; "Estudos cearenses" (1a. série), por Florival Seraine (Fortaleza, 1943), que versa a linguagem popular cearense, com uma primeira carta linguistíca do Estado; "Subsídios para o estudo dos usos e costumes pastoris do Nordeste" (Fortaleza, 1947) — marcas de ferro a fogo usadas sôbre o gado no Ceará, e "O pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil" (estudos sôbre Juvenal Galeno), da autoria de Francisco Alves de Andrade e Castro, o último editado em 1949. Aliás, é extensa a bibliografia sôbre o poeta de "Lendas e Canções", merecendo destaque, entre outros, trabalhos de Franklin Távora, Araripe Júnior, José de Alencar, Gustavo Barroso, Afranio Peixoto, José Veríssimo e Joaquim Alves. Por último citamos "Medicina popular" (superstições, crendices e meizinhas no Ceará), por Eduardo Campos — Fortaleza, 1951. Excelente repositório de dados colhidos diretamente pelo autor entre o povo cearense. Demais, é trabalho bem fundamentado, com copiosa bibliografia da especialidade. Na revista "Clã", dirigida pelos escritores Frã Martins e Aluísio Medeiros, vieram a público os seguintes trabalhos folclóricos: "Sôbre uma indústria extrativa vegetal do interior cearense" (nº 4), "Sôbre a jangada cearense" (nº 6) e "Subsídios para uma antroponímia cearense" (nos. 8-9), da lavra de Florival Seraine; "Notas para o folclore seridóense" (nº 6), de José Bezerra Gomes; "O Carnaval do meu tempo" (nº 1), "Espírito de caboclo" (nº 3), "Improvisadores" (nº 4), "Cirandas" (nº 6), por Gastão Justa, que publicou ainda "Toadas populares", no Suplemento literário de "A República", de Natal (30 de Outubro de 1949). Finalmente, citamos o discurso pronunciado no Instituto do Ceará por Frã Martins, em 27 de Junho de 1948, em o qual, antes de fazer o elogio de Leonardo Mota, esboça o autor um estudo histórico e procura conceituar a nossa ciência (Edit. Inst. do Ceará, 1949).

Leonardo Mota publicou no Ceará apenas duas obras: "Prosa Vadia..." e "A Padaria espiritual". Destas, a primeira sómente encerra matéria folclórica. A outra, deverá ser incluída nos domínios da História literária. É extensa, porém, a série de artigos de sua autoria, divulgados em jornais e revistas cearenses, acêrca de temas folclóricos. Na impossibilidade de relacioná-los agora em conjunto, mencionamos a coletanea de trabalhos da sua lavra, vindos a lume nas edições do "Correio do Ceará" de 2 e 3 de Março de 1948, ambas de 32 páginas, sendo que apenas na segunda dessas edições existem alguns trechos que não se referem ao escritor. Os excertos pertencem em maior número ás obras que são devidas á sua pena, mas há também nessa coleção matéria folclórica antes divulgada pela imprensa, em palestras radiofônicas, etc., a qual não consta de qualquer dos seus volumes. Destacamos alí um importante estudo "A vida e a morte na filosofia popular", que faz parte da sua obra inédita "Adagiário Brasileiro". Ainda a propósito de Leonardo Mota, não podemos deixar de referir as produções seguintes, por êle elaboradas: "Paremiologia", in "Revista da Academia Cearense de Letras" (2a. fase-1940-Vol. II-Tomo II págs. 17 a 22); "Os Quixotes da viola e do ganzá", in "O Ceará" (coletanea organizada por Martins Filho e Raimundo Girão-2a. edição-Fortaleza, 1945; págs. 103 a 112); "Violeiros do Norte" (a viagem e o livro), in "O Ceará" (jornal de Fortaleza-nos. 10 e 17 de 1926). A editora Clã, da capital cearense, promete para breve mais um volume da autoria do falecido escritor, o qual se intitulará "Cabeças chatas". Será, pois, a primeira obra póstuma do nosso grande folclorista.

* * *

Evidentemente, a produção folclórica cearense de maior significado, quer pelo caráter de verdadeira especialização, quer pela qualidade intelectual da literatura apresentada, é a que Leonardo Mota e Gustavo Barroso divulgaram fóra do nosso Estado, constituindo obras de indiscutível projeção nacional. Alguns cearenses também publicaram, em editoras de outros Estados, trabalhos folclóricos, cabendo ressaltar "Jeca Tatú e Mané Chique-Chique", da autoria de Ildefonso Albano (1a. edição. Livraria Araújo-Rio); "O matuto cearense e o caboclo do Pará" (Belém, 1930) e "Os jangadeiros cearenses em raid ao Pará" (Belem, 1928), de José Carvalho; "Alma do Nordeste" (Rio, 1936), de C. Nery Camelo. Mas a nossa atenção forçosamente terá que se concentrar naqueles dois expoentes do Folclore regional.

Sem dúvida, Rodrigues de Carvalho, paraíbano que entre nós viveu longos anos, participando significativamente de nossa vida cultural, foi um pioneiro, com o seu famoso "Cancioneiro do Norte". Esta obra a que, aliás, já nos reportamos, constitui manancial fecundo para o conhecimento demopsicológico da região, e embora, por via de regra, careça de valor

interpretativo, significa bastante como "racolta", coleção de material obtido nos próprios meios tradicionais. O rigor dos novos métodos de pesquisa folclórica, em que têm de ser executadas com fidelidade as delimitações especiais e temporais dos fatos apresentados, discriminando-se seguramente as próprias fontes informativas, falta, por certo, á obra de Rodrigues de Carvalho, realizada — é justo que se frise — numa época em que os estudos etnográficos e folclóricos não haviam alcançado entre as élites intelectuais brasileiras o aprêço cultural que hoje lhes é atribuido. E, no campo da nossa Ciência, com honrosas exceções, necessitava-se de caminhar com precaução para não tropeçar vez por outra com adulterações, ocorridas sob o influxo do espírito literário então dominante. Em verdade, muita coisa não era efetuada com o pensamento científico.

Rodrigues de Carvalho representa, indiscutivelmente, figura marcante na história do nosso Folclore.

Mas tratemos daqueles dois ilustres cearenses, cujas obras, apesar de editadas fóra do Ceará, em nosso ambiente atuaram com vigor, e dentro dêle repercutiram mais do que outras quaisquer.

"Terra de Sol" — o livro com que Gustavo Barroso estreiou na literatura — ergue-se como um monumento no Folclore nacional. É obra de pesquisa exaustiva, que obedece o certo método científico, abrangendo uma área cultural do Nordeste brasileiro ainda não investigada com tal amplitude e sistematização.

O plano da obra é admirável, e tanto a cultura material como a espiritual merecem atenções do autor, que nos oferece assim, nesse trabalho, elementos dos mais valiosos para conhecimento psicológico e sociológico do povo cearense, mórmente das populações sertanejas. A edição que compulsamos é datada de 1912 e foi lançada no Rio de Janeiro, sendo o editor B. de Aquila. Vai a obra reeditada em 1913, pelo mesmo; em 1916, e posteriormente, sem data, pela Livraria Francisco Alves, do Rio. Não obstante todos os capítulos serem meritórios, agradaram-nos, sobretudo, os em que se ocupa do vaqueiro e de tudo quanto entra em sua órbita de ação vital — cavalo, gado, fazenda, sertão, apartações, vaqueijadas, etc. São também de interêsse ressaltante os trechos referentes á poesia popular, á linguagem e ás superstições do nosso sertanejo. Suas observações sôbre a designação das côres pelo rústicos sugerem investigações psicológicas a respeito. E a verdade é que ninguem poderá ainda escrever em tôrno do Folclore, Dialetologia, Geografia humana cearense, sem antes consultar a êsse grande livro de Gustavo Barroso, que aiem, do mérito científico, sobressai como produção literária, graças ao estilo do autor, só raramente superado entre nossos melhores prosadores.

De Gustavo Barroso, no setor folclórico, são produções dignas de registro: — "Através dos Folklores" (Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 1927); "O sertão e o mundo" (ed. Leite Ribeiro, Rio, 1923); "Ao som da viola" (1a. ed. Leite Ribeiro, 1921; 2a. ed. correta e aumentada —

Imprensa Nacional — Rio 1949); "Casa de Maribondos" (ed. Monteiro Lobato, S. Paulo, 1921); "Mythes, contes et légendes des indiens du Brésil" — Paris, 1930); "As colunas do templo" (Civilização Brasileira, Rio, 1932).

Pela sua obra folclórica, Gustavo Barroso — segundo observa Joaquim Ribeiro — pode ser classificado no grupo ou escola "eclética", isto é, entre aqueles de nossos folcloristas que, como Lindolfo Gomes, conciliam o mistér de coligidor de fatos folclóricos com o de pesquisador e exegeta. (4) Em "Terra de Sol" talvez se ache mais acentuada a qualidade do colecionador, sendo reduzida a contribuição do autor no sentido da interpretação científica. Mas em suas obras posteriores são bem nítidos os propósitos de investigar as origens históricas, de criticar, de comparar, os elementos folclóricos estudados.

Durante a Semana Folclórica que promoveu a Comissão Nacional de Folclore do I.B.E.C.C., de 22 a 28 de Agosto de 1948, no Rio de Janeiro, o já citado sucessor do ilustre João Ribeiro, comentando a magnífica dissertação de Alceu Maynard Araújo sôbre "A técnica da pesquisa folclórica", acentua com muita propriedade que entre "coleta documentária" e "coleta científica" em rigor não cabe diferença, por quanto não é colhendo com apriorismo que se realiza obra folclórica, senão ao exercer com serenidade a "colheita documentária", que assim terá sempre o cunho de autenticidade, em tôrno dela desenvolvendo-se o raciocínio científico (5).

Concordamos perfeitamente com êsses juizos do escritor carioca.

A nosso ver, possui mais significação um trabalho realizado com fidelidade, dentro de métodos de coleta rigorosos e modernos, que pode arrastar o próprio coligador — se realmente êle dispõe de vocação para a Ciência — á descoberta de fatos novos, de projeção científica, do que a elaboração de teorias de caráter geral, ou a investigação de origens históricas, cujos achados ninguem poderá afirmar sejam decisivos.

Não obstante a ampla erudição folclórica e a fidelidade documental que Gustavo Barroso manifesta em seus livros posteriores, continuamos a enxergar em "Terra de Sol" a sua obra-prima, dadas a sistematização, a unidade que se vislumbra por entre a diversidade aparente dos temas, o valor cultural própriamente dito, dessa obra, brasileira entre as mais brasileiras. "Ao som da viola" é livro também que se destaca no panorama dos estudos folclóricos brasileiros.

Original em certos aspectos, é de grande valor especialmente no capítulo em que se ocupa dos autos populares.

Esquivar-nos-emos de procurar aqui uma classificação científica para o método de trabalho folclórico que vem adotando Gustavo Barroso. Pois, nada mais nos propomos a efetuar, por enquanto, do que um escorço bibliográfico, sem pretensões a crítica científica, fornecendo dos trabalhos apenas sucinta notícia. Quanto á obra de Leonardo Mota, revela a mesma, feição diversa da de Gustavo Barroso. A diversidade não concerne tanto

á matéria folclórica, mas ao aspecto metodológico, ao processo elaborativo que um e outro revelam.

Na órbita científica do Folclore, cremos que a atitude mais acertada do investigador, o método verdadeiramente frutífero que deve empregar, ha-de ser o indutivo, talvez bem parecido com aquela "lógica indutiva aplicada", de que fala Unamuno, a propósito dos estudos linguísticos, a qual vai habituando o pesquisador a submeter-se aos fatos, "aos fatos vivos, a buscar neles sua razão de ser, a compreender que a ciência exige saber observar, ter paciência, e esperar que as coisas se expliquem a si mesmas, sem forçá-las; a penetrar-se sobretudo dessa verdade tão conhecida: que a lei não é coisa distinta do fato".

Em suma, "a não deformar os fatos para pregá-los a suas idéias, senão estas a aquelas". (6)

Essa a conduta metódica com significação "lógica" que procuramos aventar, pois não há dúvida que "os métodos históricos e culturalistas são aconselháveis no exame e análise do Folclore", como técnicas metódicas próprias dessa ciência, de natureza cultural.

Leonardo Mota deu-se á coleta de fatos folclóricos, mas quasi não chegou a examiná-los cientificamente, o que não foi deficiência de sua parte, dada a escola folclórica a que se ligou. Mas ninguém — que saibamos — realizou ainda análise psicológica, interpretação estética ou filológica cerradas, do material imenso coligido. A produção literária do autor de "Cantadores", colhida diretamente nas fontes tradicionais, durante uma vida dedicada amplamente ao Folclore, é valiosissima. Com justeza ponderam certos críticos especializados que Leonardo Mota chegou a fazer estudos comparativos em sua obra "Sertão Alegre" .

Acrescentamos que assim também procedeu em outros trabalhos, parecendo-nos, pelo que conhecemos do seu inédito "Adagiário Brasileiro", que esta obra assinala grande desenvolvimento nos processos de estudo, do nosso grande folclorista. Fóra do Ceará publicou êle os seguintes livros: "Cantadores" (ed. de 10.000 exemplares — Livraria Castilho, 1921, Rio), "Violeiros do Norte" (ed. de 10.000 exemplares, Edt. Monteiro Lobato. S. Paulo, 1925 — Prêmio da Academia Brasileira de Letras), "Sertão Alegre" (ed. de 3.000 exemplares — Imprensa Oficial de Minas — Belo Horizonte, 1928), "No tempo de Lampeão" (ed. de 3000 exemplares — Oficina Industrial Gráfica, 1930, Rio).

A poesia popular foi o opulento manancial folclórico em que se dessedentou o nosso inimitável Leota. As produções de alguns "cantadores" da zona nordestina, especialmente do Ceará, dos de mais alento poético, ocupa quasi todo o volume de "Cantadores". Nessa, porém, como em outras obras do folclorista cearense, são dignos de ressalto os glossários e a contribuição fraseológica regionais que sempre reune ao fim de cada volume; o anedotário folclórico, que espelha admiravelmente o linguajar e traços psicológicos do sertanejo; e as inúmeras páginas que dedicou ás trovas po-

pulares, a essa poesia anônima que, em quadrinhas, não raro heptassílabas, anda na boca do povo inculto, vinda em grande parte de Além-Mar, e ás vezes apresentando curiosas variantes regionais.

Fez estudos comparativos dessas quadras ou trovas, principalmente com as existentes no rico folclore português.

Segundo o nosso critério, antes esboçado, de valorização dos trabalhos folclóricos, preferimos a obra de Leonardo Mota a de muitos outros, autores de certo renome, mas fabricantes de teorias de gabinete, que falham justamente pelo imperfeito conhecimento da matéria investigada, que lhes chega, nem sempre com a autenticidade requerida, de segunda ou terceira mão.

* * *

Pertencemos ao número daqueles que consideram como incluidas na órbita de estudo do Folclore tanto as manifestações populares da cultura espiritual como as da material. A realidade infra-histórica, em qualquer dos seus aspectos, interessa ao nosso objetivo científico — já o demonstraram claramente, do ponto de vista filosófico, alguns críticos bem fundamentados. Destarte, preferimos aplicar o termo *Etnografia,* de acôrdo com Saintyves, ao estudo da cultura material e intelectual das sociedades primitivas, que ignoram a tradição escrita, deixando a denominação de *Folclore* para a ciência dos fatos culturais ocorridos nas classes populares dos países civilizados, ou que atingiram mais alto grau de civilização (7).

Não entramos na discussão dos nossos critérios terminológicos, mesmo porque o terreno já se encontra bastante revolvido pelas polêmicas em que, desde longe, se vêm empenhando os folcloristas das nações mais cultas do mundo, sem chegar, todavia, a um acôrdo sôbre certos pontos fundamentais.

Em um dos números da revista "Folklore", que se edita em Napoles, sob a direção de Raffaele Corso, aparece a versão do trabalho de Densusiani (8), escrito em rumeno, a qual recebeu o título de "II Folklore come deve intendersi".

Em documentada resenha histórica o autor mostra as divergências imperantes nos conceitos que da Ciência das tradições populares fazem alemães, ingleses, franceses e estudiosos de outros países. Aconselhamos aos folcloristas patrícios a leitura dêsse trabalho, mas não insistiremos sôbre o assunto.

Dentro do nosso angulo de compreensão, uma obra como a de Pompeu Sobrinho, que tem dedicado boa parte de sua atividade mental ao estudo de aspectos culturais dos nossos aborígenes, não poderá deixar de receber menção especial nesta suma bibliográfica.

Cremos que as suas tentativas de interpretação psicológica de algumas lendas indígenas constituem o que de mais sério se logrará apresentar, entre nós, no campo etnográfico. Seus estudos linguísticos sôbre o cariri,

e trabalhos outros versando a toponímia, são produções de grande mérito intelectual.

* * *

Tendo sido organizada em Maio de 1948, a Sub-Comissão Cearense, filiada á Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, vem-se reunindo com o objetivo de tratar dos assuntos concernentes ao Folclore, em nosso meio. Dirigida pelo ilustre folclorista Renato Almeida, a C. N. F. L. representa, no país, o núcleo cultural que congrega os nossos mais eminentes folcloristas, e de que se irradiam as orientações científicas que devem reger as contribuições especializadas, nas várias sub-comissões estaduais.

Entre nós, o secretariado da Sub-Comissão coube á Dra. Henrique Galeno, digno rebento do venerável bardo das "Lendas e Canções", a qual tem efetuado obra de alevantamento cultural da nossa sociedade, á testa da já famosa Casa de Juvenal Galeno.

Ao lado da Secretária, colaboram nas mesmas tarefas científicas os Srs. Mário Barata, GastãoJusta, Florival Seraine, Francisco Alves, Cruz Filho, EduardoCampos e Albano Amóra.

Além da bibliografia dos estudos folclóricos e etnográficos divulgados no Ceará em livros, revistas e jornais, a Sub-Comissão já levantou outros planos de estudos, e vem de propor ás autoridades competentes um maior interêsse pelas tradições populares, sugerindo a inclusão nos programas de artes manuais, subordinados á Secretaria de Educação, do aprendizado da confecção das nossas rendas de bilro, afamadas em todo o país.

Ao mesmo tempo, cuida de um entendimento com o Govêrno do Estado para conseguir isolar uma seção folclórica no prédio onde funciona o Museu Histórico, pois alí já se encontram, sem sistematização, várias peças significativas; bem como de obter da Prefeitura Municipal o estímulo, mediante remuneração, aos promotores de folguedos populares e tradicionais, como os Congos, Pastorinhas, Bumba-meu-boi, Fandangos, etc., festejos êsses que, dia a dia, vão perdendo em brilho, cada vez mais expulsos da zona urbana para longínquos arrabaldes.

A Sub-Comissão Cearense de Folclore, apoiada pela Casa de Juvenal Galeno, em mais de uma oportunidade tem promovido as típicas festas juninas, com fogueiras, "cantadores", comidas e bebidas tradicionais, numa revivescência de antigos hábitos do nosso povo, que as novas gerações já não sabem estimar e cultuar.

É exato que não apresentamos ainda obra de projeção real nos domínios folclóricos, atendendo aos progressos que a nossa Ciência alcançou em seus métodos de trabalho, na época atual.

Projetamos, contudo, várias realizações apreciáveis: — a organização do mapa folclórico do Estado, a gravação em discos de autos populares,

sugestões didáticas mais amplas aos responsáveis pela educação do povo, com o aproveitamento da matéria folclórica, visando a criar no espírito da juventude o respeito e o interêsse pelas tradições populares.

Se bem que houvessemos projetado completa sistematização do nosso trabalho, organizando-se o mesmo em *équipes* ou, quando nada, a divisão das pesquisas em especialidades folclóricas, de acôrdo com as predileções e o teor cultural de cada membro, a êsse respeito pouco logramos até agora, observando-se ainda certa dispersão de energias criadoras. Entretanto, com o aparecimento do nosso boletim, que é tambem aguardado, teremos conseguido alcançar um pouco em nossas realizações de grupo.

O autor destas letras divulgou em comunicados á C. N. F. L., os seguintes trabalhos: "Sôbre a peteca cearense", "Do sertão cearense", "Funda, setra, badoque, baladeira", "Em tôrno de uma lenda", "Poesia popular", "Sôbre uma indústria extrativa vegetal do interior cearense", "De uma excursão á praia de Almofala (litoral cearense)", "Sôbre a jangada cearense" e "Ainda sôbre a jangada cearense", sendo que o penúltimo e o antepenúltimo já foram mencionados. Enviou ao 1° Congresso Brasileiro de Folclore um trabalho sob o título de "Estudos de Lexicografia e Semantica cearenses". E por último, na revista "Folclore", órgão da Comissão Espirito-Santense de Folclore, publicou "Sôbre currais e outros métodos de pesca no litoral cearense" (nos. 16-17 e 18).

Gastão Justa, Francisco Alves e Eduardo Campos têm publicado em jornais e revistas, e os outros companheiros vêm contribuindo com as suas sugestões, com a sua palavra esclarecida, á bôa marcha da cultura folclorica, em nosso meio.

Evidentemente não é bastante o que até agora produzimos na esfera cultural de nossa predileção, em face do que se processa em outros meios, onde a pesquisa especializada desperta interesse mais amplo, e os poderes públicos não vacilam em ajudar a missão cultural dos folcloristas.

Entretanto, a Sub-Comissão Cearense de Folclore desempenha a importante função de congregar os estudiosos regionais, promovendo-lhes a aproximação, favorecendo-lhes o intercambio com os confrades de outras zonas do País e mesmo do exterior.

Viviamos antes segregados, efetuando obra puramente individual.

E era preciso vocação decidida para o trabalho científico, a-fim-de que o indivíduo lograsse vencer a falta de estímulo, decorrente do total isolamento.

* * *

Eis, em breves periodos, o fruto de acuradas pesquisas, que embora não tragam a pretensão de ser definitivas, representam, decerto, um marco inicial da nossa bibliografia folclórica.

Que os especialistas conterraneos aperfeiçoem e completem o escorço ora divulgado, pois assim estarão prestando inestimável auxílio á edificação da obra comum, que será o levantamento de toda a bibliografia folclórica nacional.

* * *

1) "Manual de Folklore" — Luiz de Hoyos Sáinz y Nieves de Hoyos Sancho-Madrid — 1947-pág. 38.
2) V. "Carta do Folclore Brasileiro"— Doc. 235, de 4|10|951, da Comissão Nacional de Folclore — Rio de Janeiro.
3) "Didactica del Folklore" — Buenos Ayres, 1948 — pag. 28 — Ismael Moya.
4) "Introdução ao estudo do folclore brasileiro" — Joaquim Ribeiro — Rio, sem data — pag. 89.
5) "Comissão Nacional de Folclore do I.B.E.C.C. — Semana Folclórica" — Rio de Janeiro — pág. 28.
6) "El caballero de la triste figusa" — Miguel de Unamuno — Buenos Aires, 1944 — pág. 22.
7) "Manuel de Folklore" — Saintyves — Paris, 1936 — pág. 48.
8) "Folklore" — Págs. 16 a 34 — Ano III — Fasc. III — IV. Outubro — Março de 1949.